

Economia - Brasil

TASSO JEREISSATI

'É incoerente tirar mais receitas dos estados'

• **BELO HORIZONTE.** Embora seja um fiel aliado do presidente, o governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), discorda da idéia de transformar a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) em imposto permanente e acha que a discussão da reforma tributária deve acontecer depois do ajuste fiscal.

Mônica Gugliano e Beth Lopes

O GLOBO: Por que o senhor discorda da CPMF permanente?

TASSO JEREISSATI: Acho que aumentar a CPMF, como medida de emergência dentro do que se fala, uma alíquota de 0,3%, está no limite do razoável e pode ser feito até que seja aprovada a reforma tributária. Mas sou contra torná-la definitiva, porque a CPMF não é um bom imposto. As transações comerciais podem ficar deturpadas com ela. Além do mais, cria um efeito em cascata, incidindo sobre outros impostos, e isso pode inviabilizar, por exemplo, uma política de exportações.

• *E as mudanças no Fundo de Estabilização Fiscal (FEF)?*

TASSO: Qualquer mudança que implique tirar mais recursos de estados é inviável e incoerente.

No momento em que a própria equipe econômica propõe como fundamental o saneamento dos estados e municípios, é incoerente querer tirar receita deles.

• *O senhor diz que o Governo terá de promover cortes grandes de investimentos para conseguir o ajuste. Isso não vai acabar com a política social?*

TASSO: Fazer cortes é difícil, e há resistências em todos os lugares. Mas chegamos a um momento em que cada um terá que entrar com sua cota de sacrifício. Não podemos fechar hospitais ou acabar com os recursos para a educação. Não há esse intuito. Pelo que eu sei, saúde e educação serão preservadas, porém não serão intocadas.

• *O senhor acredita que o Governo consiga aprovar aumento de impostos no Congresso?*

TASSO: Acho que essa discussão é mal enfocada. Fala-se que o aumento de impostos vai prejudicar a população mais pobre. Discordo. A população mais pobre vai sofrer mesmo por causa dos cortes. Os impostos atingem a classe média. Cortar na carne, como se diz, significa menos obras sociais, menos obras de infra-estrutura e isso acaba recaindo sobre os mais pobres. Portanto, precisa haver certo equilíbrio nas decisões.

O GLOBO

23 OUT 1998